

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



O PROJETO DE MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA BRASILEIRA

Alessandra de Oliveira Silva¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo expor a trajetória do processo de modernização da agricultura no Brasil, a partir dos anos de 1960, no movimento conhecido por “Revolução Verde”. O caminho percorrido para a construção do artigo pautou-se no método crítico dialético. A metodologia utilizada foi o levantamento bibliográfico. O tratamento dos dados e a análise das informações se realizaram de forma contextualizada e crítica, baseando-se em autores referências no tema. A modernização no campo brasileiro se expandiu, assim como no restante dos países do sul, sob os argumentos de um mundo rural que estava em secular atraso, carecendo de incremento de novas tecnologias necessárias para promover o aumento na produção de alimentos e, desse modo, resolver o problema da fome.

Palavras-chave: Agricultura; “Revolução Verde”; Agronegócio

ABSTRACT

This article aims to expose the trajectory of the process of modernization of agriculture in Brazil, from the 1960s onwards, in the movement known as the “Green Revolution”. The path taken for the construction of the article was based on the dialectical critical method. The methodology used was the bibliographic survey. Data processing and information analysis were carried out in a contextualized and critical manner, based on authors who are references on the subject. Modernization in the Brazilian countryside expanded, as well as in the rest of the southern countries, under the arguments of a rural world that was in secular backwardness, lacking the increment of new technologies necessary to promote the increase in food production and, thus, solve the problem of hunger.

Keywords: Agriculture; “Green Revolution”; Agribusiness

¹Coordenadora do CRAS Dona Vicência; Mestra em Serviço Social pela UFPA; aledeoliveirasilva@hotmail.com.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



1 INTRODUÇÃO

A relação do homem com a natureza tem sido modificada constantemente em razão do desenvolvimento capitalista. Nos primórdios da humanidade, os homens viviam basicamente da coleta de frutos, da caça e da pesca, mantendo uma relação harmoniosa com a natureza, retirando dela apenas aquilo que necessitava para sua sobrevivência.

Com a evolução da humanidade, essa relação se altera, e no ápice da Primeira Revolução Industrial, o uso dos recursos naturais se intensifica em favor do avanço capitalista. No âmbito da produção na agricultura e pecuária, estas têm sofrido os rebatimentos da expansão capitalista, através do uso de tecnologias, para a ampliação da produção na indústria.

Contudo, é no marco da segunda metade do século XX, pós Segunda Guerra Mundial, que ocorre os significativos investimentos do capital na agricultura, com o desenvolvimento de máquinas, defensivos de origem petroquímica, as variações de mudas e sementes, a partir do desenvolvimento de pesquisas e na qualificação de mão de obra, para esse novo cenário que desponta. A exemplo disso, o fenômeno da fome, que assolava muitos países, sobretudo, os da América Latina, África e Ásia.

Apesar de ter havido um aumento na produção de alimentos e matéria prima, também é bastante notório o quanto esse novo modelo tem acarretado em degradação ambiental e social de inúmeras comunidades tradicionais rurais pelo mundo e, especificamente, aqui no Brasil.

O que se acompanha nos dias atuais é que vários argumentos foram propagados em prol da “Revolução Verde”, como sendo uma via para acabar com o atraso no campo, a partir do uso extensivo de insumos que, na verdade, tem suas origens no excedente das duas Grandes Guerras Mundiais, os quais foram adaptados para promover essa “revolução” na maneira de produzir alimentos e matérias primas. Tendo ainda como argumento o fim da fome nos países mais pobres, e isso sabemos que não é verdade; todos os dias morrem mais gente de fome e subnutrição!

Assim sendo, este artigo tem por objetivo expor a trajetória do processo de modernização da agricultura no Brasil, a partir dos anos de 1960, no movimento conhecido por “Revolução Verde”, que resultou na degradação das condições de vida dos

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

trabalhadores camponeses, através da expropriação e do que, na atualidade, se denomina por agronegócio.

O artigo aqui apresentado a partir da nossa reflexão em torno do tema durante o período de pesquisa de mestrado, no ano de 2019, no Programa de Pós-graduação em Serviço Social – PPGSS/UFPB.

O caminho percorrido para a construção do artigo que ora se apresenta, pautou-se no método crítico dialético. A metodologia utilizada foi o levantamento bibliográfico. O tratamento dos dados e a análise das informações se realizaram de forma contextualizada e crítica, baseando-se em autores referências no tema da revolução verde.

O trabalho se organiza em duas sessões, sendo a primeira uma exposição do que ficou conhecido como “Revolução Verde” no Brasil. Na segunda, aborda as dimensões sociais e ambientais da modernização no campo. E por fim, as conclusões acerca do tema explorado.

2 A “Revolução Verde” no Brasil

As décadas que sucedem os anos 1945 expõem duas questões para os países: a fome acirrada e o atraso tecnológico no campo. Muitos países enfrentaram o problema da fome, seja devido às guerras, às catástrofes naturais, como: seca e enchentes, ou pelo acesso a terras agricultáveis e a falta de incentivos financeiros. Com base nessas duas questões, a mudança no padrão de produção na agricultura tem sofrido intensa intervenção de tecnologias químicas e mecânicas, acarretando em um processo considerado como “modernização agrícola”, ou o que se convencionou chamar de “Revolução Verde”. Assim,

Tal proposta era colocada como forma de superar o problema da fome no Hemisfério Sul, mas seu objetivo maior, subjacente, era com a consolidação do mercado de germoplasma, insumos e máquinas produzidas pelo complexo petroquímico e mecânico transnacional (COSTA, 2017, p. 28)

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



Para alguns estudiosos das transformações ocorridas na agricultura mundial, tais mudanças não podem ser consideradas como algo positivo, tendo em vista que houve a exclusão de milhares de camponeses de suas terras, do acelerado processo de degradação dos recursos naturais (água, solo, minério, fauna e a flora), não pondo fim à fome que assolava um grande número de pessoas, principalmente, nos continentes África, Ásia e América Latina.

Ziegler (2013, p. 21) já apontava essa realidade, pois “a agricultura mundial poderia alimentar sem problemas 12 bilhões de seres humanos”, em um planeta que a população mundial seja de 7 bilhões. Outro importante e, para dizê-lo o pioneiro, Josué de Castro, assinalando, ousadamente, que a fome tinha causas políticas e que apenas os próprios homens poderiam eliminá-la, já que os próprios eram os causadores (ZIEGLER, 2013, p. 112).

Resgatando o conceito de “Revolução Verde”, podemos entender que este significa o marco da interiorização do capitalismo, na era do imperialismo norte-americano, na agricultura dos países considerados, na época, de terceiro mundo. Momento este em que se intensifica a utilização de tecnologias no campo para o aumento da produtividade.

Com o uso da mecanização, dos insumos agroquímicos, como: os fertilizantes e os agrotóxicos de base química (petróleo), a monocultura e o melhoramento genético houve um aumento da produtividade. Tal aumento serviu para sustentar a ideia de que a “modernização” promoveria o fim da fome que assolava a população no mundo, mormente da América Latina, Ásia e África. Argumento este proferido pela FAO e Banco Mundial. Com isso,

[...] ‘revolução verde’, criada no período pós II Guerra Mundial, com o financiamento da Fundação Rockefeller com um discurso cínico de acabar com a fome no mundo e teve como principal fundamento destruir os restos de guerra utilizando todo o lixo tóxico destinando-o à agricultura. No discurso, só visava aumentar a produtividade “adaptando genes das plantas” consorciando-os com os “insumos modernos” objetivando maior produtividade, numa escala de tempo menor (SANTOS, 2016, p. 48).

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Com o término da II Guerra Mundial, muitas economias saem fragilizadas da guerra, tanto pelas perdas materiais quanto por humanas. Os países “aliados” e os Estados Unidos, que entraram bem mais tarde na guerra, saíram sem muitos danos, e começaram a promover uma série de medidas para aumentar a produtividade agrícola. Nessa ocasião, a Fundação Rockefeller financiou diversas pesquisas sobre a produção de novas tecnologias para a agricultura. O grande capital já demonstrava interesse em trazer as inovações para os países tropicais devido à incidência solar.

No Brasil, a “Revolução Verde” surge nos anos de 1960 e mais fortemente implantada no período da ditadura militar (1964), de modo que o governo, em parceria com setores agrários conservadores e com o capital externo, predominantemente, com o capital norte-americano, passou a promover as mudanças no padrão tecnológico da agricultura brasileira, através de investimentos públicos.

Existia, assim, um movimento de continuidade com o “padrão de desenvolvimento dependente e associado que se engendra em meados da década de cinquenta” NETTO, 2007, p. 27), que acarretaria num processo de aprofundamento das relações de exclusão das populações pobres do campo com a adoção da nova política agrária nacional.

O governo brasileiro passou a promover diversas ações, a fim de ofertar uma intensa política de crédito aos bancos, para a viabilização da “modernização conservadora” em consonância com o processo de acumulação capitalista no mundo. A agricultura estava sendo orientada com base na monocultura, nas tecnologias (máquinas, agrotóxicos, fertilizantes químicos e melhoramento genético) e no crédito subsidiado, que geraram um impacto no meio ambiente, no trabalho e na vida da população rural.

Como se pode observar, a modernização do campo acarretou num dispêndio do governo, para que fosse viabilizado, principalmente o que ficou conhecido como “pacote tecnológico”. Para ter acesso ao crédito público, que no Brasil era “farto e barato” (BALESTRO; SAUER, 2013, p. 08), o produtor tinha que aderir a algumas condicionalidades, como exemplo, contemplar a compra de insumos das indústrias

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



que fabricavam agrotóxicos, fertilizantes e sementes, máquinas, entre outros insumos.

Vale ressaltar que os benefícios concedidos pelo governo brasileiro eram apenas para produtores de médio e grande porte, enquanto que para a agricultura familiar não havia os mesmos benefícios. Os incentivos para os agricultores familiares, como vem ocorrendo nos dias atuais, são ínfimos ou nenhum, o que provocou, desde o início do avanço capitalista no campo, a degradação das condições de vida das populações camponesas, a expulsão de grandes contingentes de agricultores e as disputas de terras, para exemplificar a realidade. Desse modo,

Entre 1960 e 1980, o êxodo rural toma proporções gigantescas – estima-se que quase 31 milhões de pessoas tenham abandonado o campo em direção às cidades, levando com elas a miséria rural [...] tudo isso acontece ao mesmo tempo em que vai se fortalecendo uma base ideológica de valorização do progresso, que justifica as inovações tecnológicas pela necessidade de um aumento na produtividade agrícola a fim de, supostamente, solucionar a fome no mundo (CHÃ, 2018, p. 28).

A modernização do setor agrário brasileiro, nas décadas de 1960 e 1970, estava associada aos interesses de poucos grupos detentores de capital, nacional e internacional, ao consumo de petróleo, pois é dessa matéria-prima que derivam os insumos petroquímicos (agrotóxicos e fertilizantes) e os combustíveis para as máquinas agrícolas. Com isso,

A agricultura industrial nos tornou dependente do petróleo. Nós precisamos dele desde o cultivo e colheita até a comercialização para o consumo. A ‘revolução verde’ e as políticas concebidas e implementadas entre os anos 1940 e 1970, que prometiam modernizar a agricultura e acabar com a fome, nos deixaram viciados nesse combustível, em parte, graças ao seu preço relativamente barato. A mecanização dos sistemas agrícolas e o uso intensivo de fertilizantes químicos e pesticidas são o melhor exemplo. Essa política acarretou a privatização da agricultura, deixando agricultores e consumidores à mercê de umas poucas empresas do agronegócio (ESTEVE, 2017, p. 48).

As mudanças em curso, desde a implementação da “Revolução Verde”, põem em evidência os desequilíbrios causados por toda essa modernização no campo. O

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



desmatamento das nossas florestas, a especulação por terras, a expansão das fronteiras agrícolas sem respeitar as comunidades tradicionais, a poluição e degradação do solo, da água e do ar, o ataque à biodiversidade, afóra os inúmeros problemas sociais que tudo isso gera.

Muitos dos trabalhadores rurais perderam o estímulo em trabalhar na terra ou foram expulsos por não terem perspectiva no campo, devido a políticas agrárias criadas e financiadas pelo Estado em prol do grande capital.

O que se vê pelo Brasil e pelo mundo é a modificação da paisagem rural, devido à constante artificialização da agricultura, com o predomínio das monoculturas, que exigem grandes faixas de terra, de água, de produtos químicos e menos trabalho humano, devido à mecanização. Outra problemática diz respeito à erosão de variedades de sementes, plantas e animais que vem acontecendo desde a gênese desse processo.

Ao passo que o predomínio das monoculturas acarreta uma padronização do que se planta, do que se fornece como alimento, diminui, conseqüentemente, a diversidade, tão característica das policulturas geridas pela agricultura familiar tradicional, anterior ao processo de “Revolução Verde” e que ainda resiste aos dias atuais.

O receituário neoliberal também penetra no meio rural, através da retração dos direitos sociais e da não concretização de políticas essenciais que acabassem com a desigualdade no campo; como exemplo emblemático, a redistribuição de terras para a população do campo, cujas orientações internacionais (Banco Mundial), conduziram para que houvesse a chamada “Reforma Agrária de Mercado, por alguns apelidada de contrarreforma agrária” (CHÃ, 2018, p. 38).

Dessa forma, houve uma reorganização das relações políticas, econômicas e sociais, que passam a ser intermediadas pelo mercado, agora, em estágio de financeirização, tornando os bens naturais, como a terra, em mercadorias de especulação.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

2.1 A agricultura moderna: a dimensão ambiental e social da “Revolução Verde”

Enquanto o Brasil se encontrava alinhado a um projeto internacional, para alavancar o desenvolvimento interno de sua economia agroindustrial, com base no predomínio de monoculturas, artificializando as diversas paisagens brasileiras, nos países de economia central já se contestava tal modelo agrícola, baseado também no uso intensivo das tecnologias modernas, como os agrotóxicos.

Ainda não se tinha uma perspectiva, dentro dos movimentos ecológicos, de que os danos seriam também à saúde dos trabalhadores e dos consumidores, bem como os aspectos sociais que a agricultura moderna causava. A saída seria encontrar maneiras de produzir alimentos e matérias-primas de uma forma que fosse possível conciliar desenvolvimento e sustentabilidade ambiental e social.

Nos Estados Unidos e na Europa, surgem as primeiras iniciativas de oposição aos métodos da agricultura moderna, nascendo o movimento de Agricultura Alternativa, como forma de buscar um equilíbrio entre produção de alimentos “limpos” e uma exploração dos recursos naturais menos predatória possível.

Na época, as formas mais conhecidas de Agricultura Alternativa foram: nos Estados Unidos e na Inglaterra, a agricultura orgânica; na França, a agricultura biológica; na Alemanha, a agricultura biodinâmica; e, no Japão, a agricultura natural. Outro marco importante foi a denúncia desse modelo devastador, a partir do lançamento, em 1962, do livro “Primavera Silenciosa”, de Raquel Carson (COSTA, 2017).

No Brasil, uma referência considerada como o início do movimento ambiental foi o livro “Fim do Futuro? Manifesto Ecológico Brasileiro”, em 1976, escrito pelo engenheiro agrônomo José Lutzenberger, no qual já mostrava a preocupação e o debate acerca da exploração da natureza em prol do desenvolvimento econômico.

Lutzenberger trabalhou por 13 anos na fábrica alemã Basf, de produção de agrotóxicos, e rompeu com ela ao questionar a atuação de tais produtos. Ele também

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



foi o fundador da primeira Ong no Brasil que tratava das questões ambientais, a AGAPAN – Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural – em 1971 (PEREIRA, 2012 s/p).

Apesar de o país vivenciar, no campo político, uma ditadura militar, com forte supressão da democracia, as críticas ambientais dos movimentos ecológicos não sofreram repressão, mas, sim, seguiam, evoluindo o debate sobre o quanto a “Revolução Verde” contribuía para o agravamento dos danos ambientais, com o uso predominante das tecnologias modernas, necessárias à sustentabilidade das monoculturas.

Assim, com o avanço nos debates em torno das questões ambientais, aos poucos surgem os primeiros eventos sobre Agricultura Alternativa, por entidades de profissionais, como dos agrônomos, a fim de sensibilizar para o enfrentamento das questões que se colocavam, fruto das mudanças ocorridas com a modernização no campo brasileiro, sobretudo, possibilitando o aprimoramento nesse novo campo alternativo e posterior união aos movimentos sociais agrários.

Após o término do período de ditadura militar, um importante evento, a nível mundial, que aconteceu no Brasil, foi a II Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento – Eco 92 ou Rio 92, que, além de reunir representantes de várias nações convidadas, que buscavam discutir e firmar soluções para as questões ambientais, tendo uma significativa importância para a participação dos movimentos sociais e ambientais aqui no país.

Contudo, sabe-se que os conflitos pela permanência e o direito à exploração da terra pelos povos que nela habitam e provêm sua sobrevivência vem de longas datas. O que ocorreu foi a visibilidade dos problemas enfrentados no campo e a violência decorrente desses conflitos, associando-se, também, ao modelo de agricultura, imposto pelo Estado brasileiro que, cada vez mais, acirrava a luta de classes no meio rural brasileiro.

Anteriores à Conferência, os movimentos sociais, como a Comissão Pastoral da Terra e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, ambos surgiram

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

nas décadas de 1970 e 1980, respectivamente, são reconhecidos como os dois maiores movimentos em favor da luta e posse por terras pela população rural excluída, herdando o legado das lutas das Ligas Camponesas, que tinham sido duramente aniquiladas com a instituição dos governos militares, iniciados em 1964.

Os conflitos agrários chamam atenção a nível nacional e internacional no momento de efervescência política e social. Assim, segundo Oliveira (2001, p. 192),

Chama especial atenção o crescimento da violência nos anos 80, decorrente do aumento da pressão social feita pelos camponeses em sua luta pela terra. A chamada modernização da agricultura estava gerando seu oposto. Como contradição da modernização conservadora aumentava a luta pela terra por parte dos camponeses. A sociedade civil movia-se na direção da abertura política. Anistia, diretas já, formação da Central Única dos Trabalhadores (CUT), Partido dos Trabalhadores (PT) e demais partidos de esquerda abriam frentes de apoio à luta travada pelos camponeses sem terra. A Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros (CNBB) colocou a questão da terra no centro da Campanha da Fraternidade de 1980: Terra de Deus, terra de irmãos. Um documento sobre a terra foi produzido para subsidiar a discussão nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Fomentava-se nas periferias pobres das cidades brasileiras a discussão sobre a situação de pobreza que a maioria da população estava vivendo. Nas CEBs e na CPT foi se formando um conjunto de lideranças comunitárias que começaram a discutir seu futuro e suas utopias. A conquista da terra foi uma delas. Assim, com o aumento da pressão social, também cresceu a violência dos latifundiários, naquele momento praticada como recurso extremo para reter a propriedade privada capitalista da terra (OLIVEIRA, 2001, p. 192)

Cabe ressaltar que a origem dos conflitos agrários, que desembocam nas décadas acima citadas e que perduram até os dias atuais, têm suas origens na estrutura agrária do Brasil, desde o período colonial.

3 O Agronegócio: a atualidade da “Revolução Verde

Chegado os anos 1990 e as mesmas questões – a fome e a pobreza – ainda se colocam na realidade de milhares de seres humanos pelo planeta. As promessas de que uma revolução na agricultura, pautada no aperfeiçoamento tecnológico, resolveria tal problema não se concretizaram. O que se observou foi que uma

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



pequena parcela dos grandes produtores rurais concentrou mais riquezas e terras, através da exploração humana e ambiental.

Isto implica dizer que, no cenário brasileiro, a agropecuária ainda passa por constantes transformações em favor da expansão capitalista desse setor, agravando ainda mais os problemas que persistem no campo brasileiro, sobretudo, no tocante às populações rurais, recaindo, também, sobre a população urbana, que se alimenta com o que é produzido pela agricultura familiar camponesa.

O Brasil é um dos países com maior desigualdade agrária do mundo. Enquanto 76% das terras agrícolas estão nas mãos do setor latifundiário, que produz alimentos e outras matérias-primas sob o modelo agroindustrial, a superfície restante (24%) cabe a 84% dos proprietários rurais: os agricultores familiares que se dedicam essencialmente a produzir alimentos. O paradoxo revelado recentemente, não apenas no Brasil, mas também no resto do mundo, é que os pequenos agricultores, isto é, os camponeses e agricultores familiares, geram 70% dos alimentos que são consumidos por uma população de 7,3 bilhões de indivíduos (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2015, p. 20).

Constantemente, somos surpreendidos pela mídia brasileira com a campanha “agro é tec, agro é pop”, que, em seu conteúdo, nos mostra uma realidade, onde toda a produção no país vive um momento de agricultura hipermoderna, como se todos tivessem oportunidades de trabalho e de produção por igual, com acesso à tecnologia, a terras, à água, insumos. Um campo, onde se geram empregos e renda, e que todas as benesses atingem a todos – e os setores também –, de forma positiva (Santos, 2016).

Ao passo que cada vez mais se expandem as fronteiras do agronegócio para a produção de mercadorias, gera-se a expulsão dos trabalhadores, que migram para as cidades à procura de novas oportunidades de trabalho e sobrevivência, sendo que estas não estão preparadas para recebê-los, o que agrava ainda mais a crise urbana existente.

Além disso, o mau uso do solo na agricultura leva à improdutividade dessas áreas, e uma das consequências é a pressão sobre áreas de preservação. A ampliação das gigantescas propriedades rurais agrava o desmatamento e, conseqüentemente, a poluição dos mananciais de água potável, chegando até ao

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

desaparecimento de rios, fontes e nascentes; outro exemplo disso são as alterações climáticas.

Segundo Harvey (2011), a humanidade tem passado por um longo processo histórico, a partir do advento do capitalismo, marcado pelo que chamou de “destruição criativa sobre a terra” (HARVEY, 2011, p. 151), condição gerada pela intensa modificação da natureza para a extração de matérias-primas necessárias ao processo de industrialização, sem levar em consideração as sérias consequências para o meio ambiente. Nesse sentido, [...] A expressão coloquial ‘a vingança da natureza’ sinaliza a existência de um mundo teimoso, recalcitrante e imprevisível física e ecologicamente que, como o tempo, constitui o ambiente no qual estamos (HARVEY, 2011, p. 152).

Até o que se produz para a alimentação humana sofre alterações, pois, conforme é estabelecido, o que seja mais rentável (produção de biocombustível, ração animal, alimentos valorizados, como suco de laranja, etc.), gera-se, também, uma padronização dos alimentos disponíveis para o consumo, entre outros efeitos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A modernização no campo brasileiro se expandiu, assim como no restante dos países do sul, sob os argumentos de um mundo rural que estava em secular atraso, carecendo de incremento de novas tecnologias necessárias para promover o aumento na produção de alimentos e, desse modo, resolver o problema da fome.

De acordo com alguns autores, podemos também qualificar o termo “Revolução Verde” como “modernização conservadora”, tendo em vista que tal projeto promovia uma modernização de uma maneira não linear, ou seja, as benesses do capital só objetivava expandir os negócios e os lucros dos proprietários rurais, que já possuíam condições de competir no mercado, que já fossem detentores da terra e dos demais meios de produção, desprezando, assim, a agricultura praticada pelos camponeses e pequenos agricultores.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



E também se incrementava o termo conservadora, por manter características herdadas do período colonial, como o caso da agricultura voltada para o mercado externo, as monoculturas, o latifúndio, a produção à custa da exploração do trabalho e a violência no campo.

Portanto, na divisão internacional do trabalho, ao Brasil sempre coube o papel de produzir mercadorias para satisfazer as pretensões dos mercados internacionais, em que se destaca o papel importante da atuação estatal, no que concerne à formulação de políticas públicas, na formulação de leis e flexibilização de outras já existentes, na oferta de crédito e subsídios fiscais, no aprimoramento e criação de instituições e cursos que tornassem os profissionais de áreas ligadas a agropecuária aptos, com a oferta de mão de obra qualificada, para atuar na difusão das novas tecnologias da “Revolução Verde”.

Enquanto isso, os trabalhadores rurais, para garantirem sua sobrevivência, se lançavam à sazonalidade que esse novo momento impunha, trabalhando ora nos períodos de produção agrícola ofertada pelas grandes fazendas, principalmente na colheita, ora migrando para as cidades em busca de trabalho, para os meses restantes do ano ou também para servirem ao exército de reserva industrial urbano.

REFERÊNCIAS

BALESTRO, Moisés Villamil; SAUER, Sérgio. A diversidade no rural, transição agroecológica e caminhos para a superação da Revolução Verde: introduzindo o debate. In: _____ (Orgs). Agroecologia e os Desafios da transição agroecológica. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

CHÃ, Ana Manuela. Agronegócio e indústria cultura: estratégias das empresas para a construção da hegemonia. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

COSTA, Manoel Baltasar Batista da. Agroecologia no Brasil: história, princípios e práticas. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular. 2017.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



ESTEVE, Esther Vivas. O negócio da comida: quem controla nossa alimentação?. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

HARVEY, David. O enigma do capital: e as crises do capitalismo. São Paulo: Boitempo, 2011.

NETTO, José Paulo. Ditadura e Serviço Social. Uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64. 10 ed. São Paulo. Cortez, 2007.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. A longa marcha do campesinato brasileiro: movimentos sociais, conflitos e reforma agrária. In: Periódico Scielo. São Paulo. n. 43, Estudos Avançados 15. p. 185-206. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000300015>. Acesso em: 27 set. 2018.

PEREIRA, Elenita Malta. Fim do futuro? O tempo no manifesto ecológico brasileiro de José Lutzenberger. Disponível em:< http://eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/18/1346155397_ARQUIVO_temponomaniesto.pdf >. Acesso em: 22 set. 2018.

SANTOS, Selma de Fátima. A questão agrária no Brasil: da modernização conservadora ao agronegócio. In: NOVAES, Henrique; MAZIN, Ângelo Diogo; SANTOS, Laís (Orgs). Questão Agrária, cooperação e agroecologia. 2. ed. São Paulo: Outras Expressões, 2016.

TOLEDO, Víctor M.; BARRERA-BASSOLS, Narciso. A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

ZIEGLER, Jean. Destruição em massa geopolítica da fome. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

PROMOÇÃO



APOIO

